

Mundo



CHARLES & KATE DOENTES

Camilla vira figura central da realeza

Rainha surge como força estabilizadora durante crise na família real britânica

PÁG. 18
MÚLTIPLO
CÓDIGO
QR CODE

PRESSÃO SOBRE NETANYAHU

EUA deixam de proteger Israel com veto, e ONU aprova resolução de cessar-fogo em Gaza

JUDITH KATZ

Após cinco tentativas fracassadas desde o início da guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas na Faixa de Gaza, em 7 de outubro, o Conselho de Segurança da ONU finalmente aprovou, ontem, uma resolução que exige um cessar-fogo imediato na região, onde, segundo as autoridades do enclave, já morreram mais de 32 mil pessoas — a maioria mulheres e menores. A aprovação só foi possível pela abstenção dos EUA, que mudaram seu posicionamento após vetarem 3 propostas anteriores, atirando repúdio imediato do governo do premier de Israel, Benjamin Netanyahu, que criticou Washington e em retaliação cancelou a visita de uma delegação do país à Casa Branca para discutir o conflito.

A última tentativa barrada foi há quatro dias, quando uma proposta americana foi vetada por Rússia e China por, segundo os dois países, não exigir o cessar-fogo em termos decisivos. Autoridades israelenses criticaram a decisão de ontem e sinalizaram que podem não cumprir a determinação.

A resolução foi adotada com 14 votos a favor, nenhum contra e a abstenção dos EUA. O texto "exige um cessar-fogo imediato para o mês do Ramadã" — período sagrado dentro do islamismo que se estende até o dia 9 de abril — que a interrupção das hostilidades leve a uma trégua duradoura. Também "exige a libertação imediata e incondicional de todos os reféns".

"A resolução de hoje dá ao Hamas esperança de que a pressão internacional forçará Israel a aceitar um cessar-fogo sem a libertação dos nossos reféns, prejudicando assim tanto o esforço de guerra como o esforço para libertar os reféns", reagiu em comunicado o escritório de Netanyahu, denunciando alguns ataques pesados aos EUA, os maiores aliados de Israel. "Lamentavelmente, os EUA não votaram a favor da resolução, que apela a um cessar-fogo que não depende da libertação de reféns. Isto constitui um claro afastamento da posição consistente dos EUA no Conselho de Segurança desde o início da guerra."

HAMAS SAUBA RESOLUÇÃO

O chanceler israelense, Israel Katz, afirmou que "o Estado de Israel não suspenderá a guerra" em publicação no X (antigo Twitter), assegurando que as tropas continuarão a lutar "até que o último dos reféns volte para casa". Em visita a Washington, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, afirmou que o governo não tem "o direito moral de parar a guerra" enquanto ainda houver algum refém em Gaza.

O Hamas saudou a resolução aprovada dizendo em comunicado ter "disponibilidade" para se envolver "em um processo imediato de troca de prisioneiros que conduza à libertação de prisioneiros em ambos os lados". Estima-se que haja cerca de 100 reféns vivos em Gaza, com aproximadamente 30 corpos dos que morreram em cativeiro.



Destruição generalizada. Moradores de Gaza observam os escombros de prédios destruídos por bombardeios israelenses em Nuweir; quase seis meses de guerra deixaram enclave arrasado



Mortes a granel. No hospital dos Mártires de al-Aqsa, em Deir al-Balah, menino palestino acaricia o corpo de parente morto em bombardeio israelense; já são mais de 32 mil vítimas fatais

"O Estado de Israel não suspenderá a guerra"

Israel Katz, chanceler de Israel

"Não concordamos sobre tudo o que consta da resolução. (...) Mas apoiamos plenamente alguns dos objetivos críticos (...) e acreditamos que era importante que o Conselho se manifestasse e deixasse claro que qualquer cessar-fogo deve vir acompanhado da libertação dos reféns"

Linda Thomas-Greenfield, embaixadora dos EUA na ONU

O texto aprovado foi apresentado pelos 10 membros não permanentes do Conselho. A negociação para a redação final foi descrita como intensa. Os EUA pediram uma mudança para trocar o termo "cessar-fogo permanente" por "cessar-fogo duradouro" — linguagem que, segundo diplomatas, deixaria espaço para Israel se defender — e apelou a ambos os lados a criarem condições em que a paralisação dos combates pudesse ser sustentada. Uma emenda russa dizendo que a trégua imediata deveria levar a um cessar-fogo "permanente" foi rejeitada.

Certas edições importantes foram ignoradas, incluindo nosso pedido para adicionar uma condenação ao Hamas. Não concordamos sobre tudo o que consta da resolução. Por esse motivo, não podemos votar "sim". Mas apoiamos plenamente alguns dos objetivos críticos desta resolução não vinculante e acreditamos que era importante que o Conselho se manifestasse e deixasse claro que qualquer cessar-fogo deve vir acompanhado da libertação dos reféns — afirmou a embaixadora americana na ONU, Linda Thomas-Greenfield, após a aprovação, acrescentando que "o único caminho" para garantir o começo do cessar-fogo seria "a libertação do primeiro refém".

FRACASSO IMPERDÓVEL

As resoluções do Conselho de Segurança são juridicamente vinculantes e, embora o Conselho não tenha meios de fazer cumprir a resolução, pode impor medidas punitivas adicionais a Israel, incluindo sanções. Embora a embaixadora americana e o Departamento de Estado tenham apontado que o texto não é vinculante, essa interpretação foi questionada pelo representante da Palestina na ONU, Riyad Mansour, que cobrou "medidas punitivas" contra Israel se o país se negar a cumprir a decisão.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, que viajou no fim de semana ao Egito esteve na fronteira com Gaza, afirmou em sua conta no X que a resolução deveria ser implementada imediatamente com "a libertação imediata e incondicional de todos os reféns". Segundo ele, "o fracasso seria imperdoável". A França, por sua vez, pediu uma trégua permanente após o Ramadã.

A primeira medida a exigir abertamente o fim das hostilidades chega em um momento particularmente delicado da ofensiva israelense em Gaza. Netanyahu, autorizou que a atividade militar se expandisse para Rafah — último reduto para quase 1,5 milhão de palestinos deslocados pelo conflito — provocando temor de uma catástrofe humanitária.

Diante da retaliação de Netanyahu de cancelar a visita da delegação israelense — chefiada

pelo ministro dos Assuntos Estratégicos de Israel, Ron Dermer, e pelo conselheiro de Segurança Nacional, Tzachi Hanegbi — a Casa Branca se disse "muito decepcionada". A visita fora planejada previamente e discutiria preocupações sobre uma possível ofensiva no sul de Gaza.

RELATÓRIO ACUSA ISRAEL

A reavivolta no posicionamento anterior de Washington — embora o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, John Kirby, tenha assegurado que não houve mudanças — ocorre em meio a fortes cobranças ao presidente Joe Biden nas alas mais progressistas do Partido Democrata e a recados dados nas urnas nas primárias nos EUA exigindo um cessar-fogo e uma atuação mais crítica a Israel, sobretudo em estados como Michigan, onde há uma grande minoria árabe-americana. Nas últimas semanas, Biden tem se tornado mais crítico de Netanyahu, cobrando mais ajuda humanitária em Gaza e restrições ao uso da força.

Por sua vez, foi divulgado o conteúdo de um relatório a ser apresentado hoje durante o Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra, no qual a relatora especial Francesca Albanese afirma que "existem motivos razoáveis para acreditar que o limite que indica a prática do genocídio por Israel foi atingido".

"Ainda há escalada de ataques israelenses contra Gaza e as destrutivas condições de vida impostas [à população civil] revelam uma tentativa de destruir os palestinos fisicamente como um grupo", afirma o documento, intitulado "Anatomia de um genocídio", divulgado de forma antecipada. (Com AFP, NYT e Bloomberg)